AS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT PARA A HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

Armindo Quillici Neto[1]
Juliana Nastalli Pimentel[2]
Kelly Alves Camilo[3]

Resumo: Este trabalho busca trazer elementos sobre as contribuições do pensamento de Michel Foucault para as pesquisas em História e Historiografia, sobretudo da Educação. O trabalho está estruturado com duas questões norteadoras: o que Foucault concebia como História, enquanto um campo de saber? E como seus constructos podem ser deslocados para as pesquisas na linha de História e historiografia da Educação? O objetivo é compreender como podemos pesquisar a História e o fazer historiografia através das lentes de um filósofo que não se definiu como historiador, contudo ganha importância nesse campo de saber por romper com o pensamento de história totalizante. A metodologia utilizada foi bibliográfica de algumas obras de Michel Foucault e também outros autores de estudos foucaultianos. Nas considerações fizemos apontamentos de quais áreas temáticas dentro da História e Historiografia da Educação comportam os estudos de Foucault.

Palavras-chave: Filosofia da Educação; Michel Foucault, História e historiografia; Estudos foucaultianos na Educação.

O conceito de História para Foucault

Michel Foucault (1926 – 1984) formado em Filosofia e Psicologia pela Universidade de Sorbonne na França, voltou suas pesquisas para as questões problematizadoras do sujeito moderno. Toda sua pesquisa assenta-se numa teoria de história-problema, na qual a problematização do objeto é o que conseguirá responder aos questionamentos iniciais e essa concepção de História é inspirada nos fundadores dos *Annales*. Ligado à tradição de inspiração heraclitiana, nietzscheana e heideggeriana, às quais confere-se um pensamento de recusa às

[1] Doutor em Educação e Professor de Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Uberlândia – armindo@ufu.br
[2] Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação – Universidade Federal de Uberlândia – juliana.nastalli@hotmail.com
3 Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação – Universidade Federal de Uberlândia – kellyalvescamilo@gmail.com

totalidades e reivindica a multiplicidade dos sentidos na História, busca elucidar os conceitos de verdade, do ser e da consciência e a ênfase se dá na diferença.

Em *Arqueologia do saber* (2008a), Foucault criticou o projeto de uma história totalizante, mas defendeu a ideia de uma história geral, na qual o historiador é capaz de remontar o passado através das análises das descontinuidades e rupturas.

> A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica, onde aparece com um triplo papel. Constitui, de início, uma operação deliberada do historiador (e não mais o que recebe involuntariamente do material que deve tratar), pois ele deve, pelo menos a título de hipótese sistemática, distinguir os níveis possíveis da análise, os métodos que são adequados a cada um, e as periodizações que lhes convém. É também o resultado de sua descrição (e não mais o que se deve eliminar sob o efeito de uma análise), pois o historiador se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular. [...] Paradoxal noção de descontinuidade: é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios. Enfim, não é simplesmente um conceito presente no discurso do historiador, mas este, secretamente, a supõe: de onde poderia ele falar, na verdade, senão a partir dessa ruptura que lhe oferece como objeto a história - e sua própria história? (p. 9 e 10)

Com isso, evidencia-se um novo modelo de pensar e fazer história, no qual não cabe apenas uma sequência cronológica e uma descrição ou relato dos fatos. É preciso problematizar, a problematização se tornara o conceito que apoiara as pesquisas de Foucault. Em *Vigiar e Punir* (2014), por exemplo, não priorizou a história das instituições prisionais, mas buscou levantar como o pensamento de punição se tornou uma verdade no fim do século XVII e início do século XIX. Em *História da loucura* (1978) o filósofo buscou entender como a loucura era entendida em diversos períodos e como foi sendo estabelecido o limite entre o normal e o anormal e quais foram os dispositivos que foram tornando esse discurso verdadeiro. Destarte, para Foucault, as práticas discursivas e não-discursivas capturam um objeto colocando-o num jogo de verdade, seja através de uma reflexão moral, de um conhecimento científico ou de análise política.

Ao definir esse novo campo conceitual para as pesquisas em História, Paul Veyne (1982) afirma que "Foucault revoluciona a história", sobretudo em relação do historiador com seu objeto. Essa afirmação se deu por causa da abordagem singular de Foucault para o estudo

do passado. Foucault introduziu o conceito de "arqueologia do conhecimento" na História, que enfatiza a importância das estruturas conceituais e discursivas que moldam o pensamento e a compreensão em diferentes épocas. Essa abordagem desafia a ideia tradicional de narrativa histórica linear e busca entender como o poder, o conhecimento e as práticas sociais estão entrelaçados ao longo do tempo. Veyne acreditava que essa perspectiva revolucionou a disciplina histórica, levando-a a questionar suas próprias premissas e métodos tradicionais.

Para Foucault, a história envolve a análise crítica das diferentes formações discursivas ao longo do tempo. Ele argumentou que o conhecimento, o poder e as práticas sociais se manifestam em discursos que moldam nossa compreensão do mundo. Portanto, a história é a investigação desses discursos, suas mudanças ao longo do tempo e as relações de poder que subjazem a eles. Foucault enfatiza a importância de entender como diferentes sistemas de conhecimento e práticas sociais emergem e são moldados em contextos históricos específicos. Em suas obras, ele examina as "epistemes" (conjuntos de regras e convenções que governam o conhecimento em uma determinada era) e como essas epistemes evoluem ao longo do tempo.

Sendo assim, a história é uma investigação crítica dos discursos, práticas e regimes de poder que moldam nossa compreensão do mundo e que se manifestam em diferentes épocas. Sua abordagem enfatiza a fragmentação e a contingência na análise histórica principalmente ao desafiar os discursos totalizantes. Diante dessa maneira de entender a história, na próxima seção buscamos levantar como Foucault permeou a historiografia contribuindo para um pensamento mais questionador sobre a maneira de compreender a história.

Foucault na historiografia da Educação no Brasil e suas possibilidades

Mesmo se reconhecendo como um filósofo, Foucault realizou diversas obras como historiador-filósofo, a saber *Vigiar e Punir*, *História da loucura*, *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*. Toda essa incursão dentro da História e historiografia conferiu-lhe sua importância dentro deste campo de saber. Para Foucault (1979), o papel do historiador seria o de buscar aquilo que está tão claro, que nos escapa ao olhar.

> A história será “efetiva” na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e oporá a si mesmo. (...) É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (p.27).

Buscando trabalhos de diversas áreas, sobretudo na linha da História e historiografia, e que se apoiam nessa visão de corte e constituição de sujeitos históricos, no artigo intitulado *As marcas da pantera: Foucault para historiadores*, Rago descreve algumas obras que dão visibilidade aos sujeitos até então suprimidos pelo modo de fazer História. Embora não seja tarefa fácil classificar alguns historiadores como foucaultianos, do final do século XX, várias obras, que influenciaram diretamente na historiografia brasileira, promoviam um diálogo muito próximo com os conceitos de Michel Foucault.

Segundo Rago (1993), na França criou-se a Revista *Recherches* que tratava assuntos como disciplina industrial, militarização da fábrica após a primeira Guerra Mundial, formas de gestão pública e privada de cidades e seus habitantes, medicalização da família, de formas de submissão do menor ao trabalho fabril e a domesticação da família operária. Michelle Perrot e Alain Corbin, mesmo mesclando sua formação nos *Annales* com a tradição marxista, apropriam-se dessa forma de pensar no poder enquanto produtor de subjetividades entre o indivíduo e o espaço em que este está inserido, evidenciando o exercício da vigilância panóptica, a mudança de disciplinamento visível para o invisível, a dominação dos corpos, distribuindo os indivíduos em espaços demarcados, a decomposição do tempo e a normalização dos comportamentos. Ao trazer essa descrição desses autores, Rago (1993) afirma que

> Já Michelle Perrot, em inúmeros artigos recentemente reunidos no livro Os excluídos da história, atentava para as possibilidades de exploração da análise microfísica do poder nos campos da organização capitalista do processo de trabalho, nas formas de distribuição dos corpos nas prisões e asilos na França do século 19, na ocupação do espaço urbano pelas "mulheres rebeldes" e grupos marginais jovens do tipo "apaches", resistindo contra a construção da sociedade panóptica. Os institutos disciplinares da infância, as fábricas, hospícios e asilos foram incorporados como domínios fundamentais para o conhecimento da sociedade moderna por esta historiografia. (p.26)

Autores como François Béguin desenvolveram estudos que já denunciavam a fábrica como um dispositivo de subjetivação do trabalhador, a escola conformando o corpo dos alunos, mantendo a difusão de ideias e valores conservadores, como aparelho ideológico do Estado, produzindo o indivíduo na sua maneira de ser, agir e sentir. As cidades como lugares de controle, sobretudo classificando as condutas urbanas, regulando categorias do normal e do patológico a partir de seus sinais orgânicos e até mesmo da sua forma de se vestir.

No Brasil, seguindo a linha de trazer para as pesquisas os objetos de análise que ainda estavam fora do foco de pesquisas, podemos citar os estudos realizados por Sérgio Adorno sobre sistemas de reclusão e medicalização de vários grupos sociais, Ítalo Tronca sobre o

imaginário da lepra e as instituições de tratamento da doença, o de Magali Engel, que discorre sobre o discurso médico-higienista a respeito da prostituição no Rio de Janeiro e Ronaldo Vaifas sobre sexualidade e controle social.

Contudo, ressalta-se que alguns historiadores, ao desenvolverem suas pesquisas tendem partir de um plano macro de interpretação globalizante da sociedade combinado com a análise do micro, contrariando o que Foucault propôs, lembrando que, para ele, a história geral é feita das descontinuidades, das rupturas e do entrecruzamento de séries organizadas pelo historiador.

Todo esse movimento de dar visibilidade aos sujeitos analisados, as formas de poder e de subjetivação corroboram para um fazer da História e da historiografia uma reflexão problematizadora, inserida na esteira do pensamento foucaultiano onde o historiador não é um simples narrador dos fatos ou um campo de saber tida como um conjunto de efeitos universais. É preciso olhar para as singularidades, capturar a historicidade e entender rupturas e descontinuidades que formam esse complexo cenário social.

Muitos historiadores da educação brasileiros têm abordado a Educação sob uma perspectiva influenciada por Michel Foucault. Alguns exemplos de acadêmicos que adotaram uma abordagem foucaultiana na pesquisa em História da Educação no Brasil incluem: Demerval Saviani, Maria Lúcia de Arruda Aranha, Gaudêncio Frigotto, Vera Maria Candau, Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto, Sandra Mara Corazza, Tomaz Tadeu da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer dentre outros que, ora mais, ora menos verticalizados, utilizam-se dos conceitos foucaultianos para desenvolverem suas pesquisas no campo da História e historiografia da Educação brasileira. A influência de Foucault na educação brasileira pode variar em termos de abordagem e aplicação, e muitos outros acadêmicos também podem estar explorando suas ideias em suas pesquisas.

Utilizar a teoria foucaultiana é altamente relevante para as pesquisas em História e historiografia da Educação no Brasil, devido à sua abordagem crítica e problematizadora. Dedicamos essa seção para demonstrar em quais temáticas e áreas de pesquisa é possível utilizar os conceitos de Michel Foucault.

A seguir, fizemos um quadro com possíveis objetos e as possibilidades de análise nas quais o pensamento de Michel Foucault pode contribuir para uma pesquisa crítica.

Quadro I: Objetos de pesquisa e possibilidades de análises

Objeto de pesquisa	Possibilidades de análises
Análise Crítica das Instituições Educacionais	Foucault fornece ferramentas conceituais para uma análise crítica das instituições

	educacionais, revelando como as relações de poder, disciplina e controle se manifestam nas escolas e universidades.
Desconstrução de Narrativas Oficiais	A teoria foucaultiana desafia as narrativas oficiais e históricas sobre a Educação, permitindo aos pesquisadores examinar como o conhecimento e o poder moldaram a educação ao longo do tempo.
História das Ideias e Discursos Educacionais	Foucault enfatiza a importância dos discursos e práticas no desenvolvimento da educação, o que é fundamental para a pesquisa em história da educação.
Exploração de Práticas Pedagógicas	A perspectiva foucaultiana permite a investigação das práticas pedagógicas e de como elas influenciam a formação de identidades e subjetividades no contexto educacional.
Políticas Educacionais e Reformas	A análise foucaultiana pode lançar luz sobre as políticas educacionais, reformas e a governamentalidade na educação, destacando como essas políticas são usadas para exercer controle e poder.
Crítica da Normalização e da Exclusão	Foucault fornece uma base para a crítica das práticas de normalização, exclusão e marginalização no sistema educacional, com relevância para questões de inclusão e diversidade.
Reflexão sobre a Formação de Professores	Sua teoria permite uma análise crítica da formação de professores, incluindo como o poder e o conhecimento moldam essa formação.

Criação: os autores

A abordagem foucaultiana oferece uma perspectiva crítica e desafiadora, que é fundamental para compreender as complexas relações entre educação, poder e conhecimento. Ela é valiosa para pesquisadores interessados em explorar a história da Educação e sua evolução no Brasil e em outros lugares.

A História e historiografia da Educação podem ser abordadas de maneira crítica e inovadora. O enfoque na análise das relações de poder e do conhecimento oferece diversas possibilidades de pesquisa na área da Educação. A abordagem foucaultiana proporciona uma lente crítica para compreender como o poder, o conhecimento e a prática educacional estão interconectados ao longo da história. Michel Foucault abordou diversas temáticas relacionadas à educação, ao conhecimento e ao poder em suas obras. Para o sucesso de uma pesquisa na esteira do pensamento foucaultiano ressaltamos algumas temáticas e possibilidades de análise:

Quadro II: Temáticas e possibilidades de análises

Temáticas	Possibilidades de análise
Arqueologia da Educação	Investigar como as práticas educacionais, as instituições e as políticas educacionais foram moldadas ao longo do tempo, considerando a história das ideias e discursos que influenciaram a educação.
Genealogia das Práticas Pedagógicas	Analisar as mudanças nas práticas pedagógicas ao longo do tempo e como diferentes regimes de poder influenciaram a educação, considerando aspectos como disciplina, normatização e controle.
Políticas e Reformas Educacionais	Estudar como as políticas e reformas educacionais foram desenvolvidas, implementadas e modificadas, e como essas ações refletem relações de poder e conhecimento.
Subjetividade e Identidade na Educação	Explorar como as práticas educacionais moldam a subjetividade dos alunos, professores e outros atores educacionais, considerando aspectos como a construção da identidade e da subjetividade.

Biopolítica Educacional	Investigar como questões relacionadas à saúde, ao corpo e à vida são incorporadas na educação e como essas práticas são utilizadas para governar e controlar os indivíduos.
Discursos Educacionais	Analisar os discursos, textos e narrativas que moldam as políticas e práticas educacionais, considerando como o poder e o conhecimento se entrelaçam na educação.
Espaços Educacionais	Estudar como os espaços físicos e virtuais de aprendizado são projetados, organizados e utilizados, e como esses espaços refletem relações de poder e controle.

Criação: os autores

Para compreender esses conceitos-chaves, indicamos a leitura de algumas obras de Michel Foucault. Suas obras mais relevantes que tratam diretamente dessas temáticas incluem:

Quadro III: Obras de Michel Foucault e breve abordagem

Obra	Breve abordagem
"Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão" (2014)	Embora esse livro trate principalmente da história da punição e do sistema prisional, ele também contém análises sobre as instituições disciplinares, como escolas e hospitais, e como elas exercem poder sobre os indivíduos.
"Microfísica do Poder" (1979)	Neste livro, Foucault discute a natureza do poder, sua disseminação e como ele opera em nível micro das relações, o que pode ser aplicado à análise das relações de poder nas instituições educacionais.

"A Ordem do Discurso" (1996)	Neste trabalho, Foucault examina como o discurso é usado para estabelecer e manter a autoridade e o conhecimento em diferentes contextos, incluindo o educacional.
"Em Defesa da Sociedade" (2002)	Essas são as transcrições de um curso ministrado por Foucault no Collège de France, onde ele aborda o tema da governamentalidade, que pode ser aplicado à análise das políticas educacionais.
"Nascimento da Biopolítica" (2008b)	Esse livro reúne as palestras de Foucault sobre o neoliberalismo, onde ele discute como as políticas neoliberais afetam diferentes esferas da sociedade, incluindo a educação.
"Os Anormais" (2001)	Essa obra contém análises sobre como a sociedade lida com a normalidade e a anormalidade, e como isso se aplica à educação, especialmente em relação à exclusão de certos grupos.

Criação: os autores

Essas obras de Michel Foucault fornecem ferramentas teóricas para analisar criticamente as relações de poder, conhecimento e educação, não se tornando estanques para um aprofundamento de suas formulações e que exigem outras leituras, contudo, elas são referências fundamentais para pesquisadores interessados nessas temáticas.

Nesse exercício de escrita, tentamos responder aos questionamentos iniciais e salientamos que a leitura desavisada das obras de Michel Foucault pode causar um estranhamento ou até mesmo numa incompreensão dos seus constructos, contudo lançar mão de leituras de outros autores que se inspiram nessa vertente da História, possibilitam um maior entendimento e um uso crítico do pensamento foucaultiano.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, M. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. A FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Arqueologia do saber; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Rago, Margareth. (1993) As marcas da pantera: Foucault para historiadores. Ver. Resgate, Campinas, nº5, Centro de Memórias da UNICAMP.

Veyne, Paul. (1982) Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história. Brasília, Editora da UnB.